

## RESENHA

### **Jornalismo e compromisso com o pensar crítico do mundo**

**Maria do Socorro Veloso<sup>1</sup>**

PEREIRA, Fábio Henrique. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus, 2011. 181 p.

Em *Os últimos intelectuais* (1990), sua obra mais conhecida, o sociólogo norte-americano Russell Jacoby situa os jornalistas entre os únicos grupos sociais, além dos acadêmicos, que tem como tarefa escrever sobre as questões públicas. Fazem isso fora da academia, e muitas vezes em contraponto a ela, especialmente nos jornais impressos. As contribuições dos jornalistas ao debate intelectual diminuem, porém, à medida que declina a qualidade do conteúdo analítico dos jornais, cada vez mais interessados nas chamadas coberturas “leves”.

A decadência das grandes cidades, a expansão da TV como forma de lazer, a diminuição do número de jornais e das diferenças entre eles, reduziram o papel dos meios impressos como espaço público para o debate político e cultural (JACOBY, 1990, p. 236-237 apud VELOSO, 2008, p. 185). Associados a esses fatores, o inchaço das universidades e a fragmentação da audiência contribuem para o desaparecimento do intelectual público – sujeito social definido por Jacoby como um “espírito incorrigivelmente independente que não responde a ninguém”, comprometido com um “mundo público” e “uma linguagem pública” (1990, p. 249 apud VELOSO, 2008, p. 185).

---

<sup>1</sup> Jornalista, professora adjunta do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN, diretora científica do Forum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e integrante das bases de pesquisa Pragma (UFRN) e Alterjor (USP).

As reflexões de Jacoby permitem compreender as intenções contidas no livro *Jornalistas-intelectuais no Brasil* (Summus, 2011), do jornalista e professor Fábio Henrique Pereira. A obra resulta de tese de doutorado defendida em 2008 na Universidade de Brasília, onde Fábio atua como docente da Faculdade de Comunicação, pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política e editor do site Observatório Mídia e Política. Suas pesquisas incluem sociologia profissional e identidade dos jornalistas.

O prefácio é assinado pela também jornalista e professora Cremilda Medina. No texto, ela ataca o “residual hierárquico positivista” que pretende desassociar os jornalistas da classe dos intelectuais (In: PEREIRA, 2011, p.14). Para Cremilda, “a narrativa autoral do jornalista só se distingue de outras narrativas inteligentes pela urgência da contemporaneidade e pela linguagem do diálogo social que pesquisa a vida inteira” (Idem, p.16)

Diante de um cenário midiático cotidianamente encharcado por um palavório que pretende expressar o suposto lustro intelectual de seus autores (falamos de tipos como Pedro Bial e Arnaldo Jabor, para ficar nas obviedades), o livro de Fábio Pereira traz a certeza de que ainda restam esperanças. Uma das virtudes da obra é associar reflexões de nomes da linha de frente do jornalismo brasileiro em dimensões diversas, mas de alguma forma combinadas – o exercício profissional nas redações, a pesquisa científica, a docência, a crítica de mídia, a prática política, as conexões com a literatura.

*Jornalistas-intelectuais no Brasil* reúne entrevistas feitas pelo autor com Adísia Sá, Alberto Dines, Antonio Hohlfeldt, Carlos Chagas, Carlos Heitor Cony, Flávio Tavares, Juremir Machado da Silva, Mino Carta, Raimundo Pereira e Zuenir Ventura. Todos, no entendimento de Fábio Pereira, são “indivíduos que dividem a vida entre a prática nas redações e outras atividades intelectuais, como a produção de obras artísticas

e literárias, e o pensar crítico sobre o mundo e o engajamento em questões políticas e sociais” (2011, p.17).

A obra faz uma recuperação histórica das relações entre intelectuais e meios de comunicação a partir do caso Dreyfuss, o famoso erro judicial cometido na França no final do século XIX. Aponta, ainda, para os processos que resultaram na perda de autonomia dos intelectuais – também sinalizada por Jacoby – “e a submissão das suas intervenções aos mecanismos de consagração impostos pela mídia” (PEREIRA, 2011, p.22). Esse foi um debate nutrido especialmente pela *intelligentsia* francesa a partir dos anos 1980, com repercussões na percepção que os próprios jornalistas possam ter do significado de suas atividades no meio social.

O ponto alto do livro, no entanto, são as dez histórias de vida resgatadas por Fábio Pereira em sua pesquisa de doutorado. Por uma opção metodológica, o autor faz investimentos na categorização das identidades dos personagens, que são classificados em três grupos distintos: os que partilham a ideia de que todo jornalista integra naturalmente a categoria dos intelectuais; os que acreditam que alguns jornalistas podem vir a constituir essa categoria; e os que não acreditam nessa possibilidade (esta inclui apenas Carlos Heitor Cony, para quem o jornalismo teve papel secundário na carreira profissional).

Contudo, é o percurso empreendido dentro das redações, e também fora delas, que dá aos entrevistados um significativo traço comum: o “faro vanguardista para revelâncias”, segundo acepção de Habermas (2006). As formações e interesses diversos não impõem conflitos, como observa Adísia Sá, que foi jornalista militante, professora, líder sindical, e é a única mulher entrevistada no livro de Fábio Pereira: “Não há ruptura entre a mulher que pensa, a mulher que escreve [livros, artigos científicos e filosóficos] e a que escreve em veículo diário. Se eu tenho compromisso com a minha realidade,

a realidade em que eu estou e vejo, eu vou criticá-la, comentá-la (...)”. (In: PEREIRA, 2011, p.72).

Adísia e os demais entrevistados compõem esse conjunto de pessoas que de algum modo se apresenta no campo das lutas sociais e políticas – característica inerente aos intelectuais, como observa Norberto Bobbio (1997). Essa condição possibilita o exercício das crenças ideológicas pelo uso da palavra, do qual decorre a produção de idéias, ensinamentos e visões de mundo. Por essa razão, não podem ser desconsiderados pelo poder dominante, ainda mais porque lidam com uma função política que lhes é própria.

O livro de Fábio Pereira, ele mesmo enquadrado por Cremilda Medina na categoria dos intelectuais, possibilita uma análise mais detida dessas questões.

## **Referências**

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

HABERMAS, Jürgen. “O caos na esfera pública”. *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais, 13 ago. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/inde13082006.htm>>. Acesso em: 18. ago. 2006.

JACOBY, Russell. *Os últimos intelectuais: a cultura americana na era da academia*. São Paulo: Trajetória Cultural; Edusp, 1990

PEREIRA, Fábio Henrique. *Jornalistas-intelectuais no Brasil*. São Paulo: Summus, 2011. 181 p.

VELOSO, Maria do Socorro F. “Imprensa, poder e contra-hegemonia na Amazônia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007)”. Tese (doutoramento). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2008.